



**Aprovou!**

**ELITE  
Resolve**

**UNIFESP**

**2019**

**LINGUAS**

**[www.elitecampinas.com.br](http://www.elitecampinas.com.br)**

**OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET**

**LÍNGUA PORTUGUESA**

**TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 1 A 3**

**mil anos no escuro**



(Malvados, 2008. Adaptado.)

**QUESTÃO 01**

A fala "Demora, mas eles aprendem." (3º quadrinho) sugere que o anjo, a propósito das afirmações do personagem retratado nos dois primeiros quadrinhos,

- a) não tem uma opinião formada sobre elas.
- b) concorda com elas.
- c) nota uma contradição entre elas.
- d) não dá importância a elas.
- e) considera-as pessimistas.

**Resolução**

**Alternativa B**

a) **Incorreta.** O anjo considera verdadeiras as afirmações anteriores, portanto não é possível defender a inexistência de uma opinião formada.

b) **Correta.** A afirmação sintetiza a ideia de que, embora tarde a se realizar, o raciocínio sobre algumas verdades existenciais enfim chega a ser desenvolvido pelos seres humanos. O verbo "aprender", nesse contexto, pressupõe como complemento todas as ideias anteriormente enunciadas nos dois primeiros quadrinhos, o que nos permite afirmar que o anjo concorda com elas.

c) **Incorreta.** A contradição inerente à conjunção adversativa "mas" na fala do anjo não é estabelecida entre as afirmações dos dois primeiros quadrinhos, mas sim entre o longo tempo despendido para o aprendizado ("Demora") e a efetiva conclusão desse processo ("eles aprendem").

d) **Incorreta.** Justamente por compartilhar sua observação com o personagem Deus torna-se possível afirmar que o anjo vê como importantes as referidas ideias, pois tais contribuiriam positivamente para o desenvolvimento humano.

e) **Incorreta.** Pode-se dizer que o anjo considera as ideias verdadeiras, mas não pessimistas ou otimistas. Não há qualquer indício textual que nos permita depreender esse juízo de valor da fala do personagem.

**QUESTÃO 02**

Assinale a alternativa em que se verifica a análise correta de um fato linguístico presente na tira.

- a) Em "Viu, Senhor?" (3º quadrinho), o termo "Senhor" exerce a função sintática de sujeito do verbo "viu".
- b) Em "um cão nervoso correndo em círculos, amarrado ao poste da ignorância" (2º quadrinho), a oposição entre os termos "correndo" e "amarrado" configura um pleonasma.
- c) Em "A humanidade é isso" (2º quadrinho), o termo "isso" retoma o conteúdo de um enunciado expresso no quadrinho anterior.
- d) Em "Ele vai voltar atrás, você vai ver" (3º quadrinho), a expressão "voltar atrás" constitui uma redundância.
- e) Em "Ele vai voltar atrás, você vai ver" (3º quadrinho), a expressão "voltar atrás" pode ser substituída por "se arrepender".

**Resolução**

**Alternativa E**

a) **Incorreta.** O termo "senhor" atua sintaticamente como vocativo, função associada à invocação do interlocutor. O sujeito do verbo "viu", nesse contexto, é uma terceira pessoa do singular oculta, já que "você" pode ser depreendido pelo contexto.

b) **Incorreta.** O pleonasma está associado à redundância e à repetição de termos. Tal figura de linguagem não abarca a noção de oposição, referida na alternativa, com que está mais claramente relacionada a antítese. De qualquer modo, cabe notar que não há correspondência entre nenhuma das duas figuras e o vínculo entre "correndo" e "amarrado", que estão apenas em relação de adição.

c) **Incorreta.** Em vez de anafórico, como propõe a alternativa, o pronomo demonstrativo "isso" é catafórico, pois anuncia a explicação que está por vir: "um cão nervoso correndo em círculos, amarrado ao poste da ignorância".

d) **Incorreta.** Não se pode afirmar que "voltar atrás" consista em redundância, pois o significado dessa expressão, já cristalizada na língua, não pode ser meramente compreendido ao pé da letra. Em composição, o verbo "voltar" somado ao advérbio deixa de associar-se à ideia de deslocamento de um ponto a outro, e "atrás" não mais vincula-se a uma posição espacial.

e) **Correta.** Segundo o dicionário Houaiss, a expressão "voltar atrás" significa "desfazer (o que fora feito, dito, pensado); arrepender-se, desistir". No contexto, o personagem Deus dá a entender que as conclusões a que o sujeito dos dois primeiros quadrinhos chegou podem ser muito dolorosas para serem aceitas, o que o faria arrepender-se de tomá-las como verdade.

**QUESTÃO 03**

Verifica-se o emprego de vírgula para assinalar a supressão de um verbo

- a) no segundo e no terceiro quadrinhos.
- b) no segundo quadrinho, apenas.
- c) no terceiro quadrinho, apenas.
- d) no primeiro e no terceiro quadrinhos.
- e) no primeiro quadrinho, apenas.

**Resolução**

**Alternativa E**

No primeiro quadrinho, no enunciado "A terapia é o entretenimento dos ricos e a televisão, o analista despreparado dos pobres", verifica-se um período composto por coordenação, estrutura em que é comum, na segunda oração, que uma vírgula faça as vezes de um verbo explícito na primeira, suprimindo-o. Tal dinâmica é tradicionalmente denominada zeugma, concebida por alguns autores como uma forma específica de elipse.

No segundo quadrinho, a vírgula presente entre "um cão nervoso correndo em círculos" e "amarrado ao poste da ignorância" garante que o segundo enunciado, que consiste em uma oração subordinada adjetiva reduzida de particípio, tenha interpretação explicativa.

Na primeira fala do terceiro quadrinho, há duas vírgulas: a primeira (em "Viu, Senhor?") isola o vocativo, e a segunda (em "Demora, mas eles aprendem") separa a oração coordenada sindética adversativa da anterior.

Por fim, na segunda fala do terceiro quadrinho, a vírgula atua na topicalização do objeto direto da perífrase verbal. Em ordem direta e com modificações consequentes dessa reordenação, o enunciado seria assim redigido: "Você vai ver que ele vai voltar atrás".

Portanto, tanto no segundo quanto no terceiro quadrinho, não há qualquer supressão verbal.

**TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 4 A 10**

Leia o trecho inicial do conto "A doida", de Carlos Drummond de Andrade.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horrível, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou

explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar<sup>1</sup> a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebrandando-se. Os dois nunca mais se viam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos racontos<sup>2</sup> antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativoiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão<sup>3</sup>.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

(Contos de aprendiz, 2012.)

<sup>1</sup> lapidar: apedrejar.

<sup>2</sup> raconto: relato, narrativa.

<sup>3</sup> irrisão: zombaria.

**QUESTÃO 04**

De acordo com o segundo parágrafo

- a) os garotos, ao descerem a rua, tinham como principal objetivo provocar a doida.
- b) as explicações dadas pelas mães para condenar as provocações à doida não comoviam os garotos.
- c) as provocações dos garotos à doida não comoviam ninguém.
- d) as mães, apesar de dizerem o contrário, consideravam as provocações dos seus filhos à doida uma mera brincadeira.
- e) as mães, por considerarem a doida responsável por sua loucura, não repreendiam seus filhos.

**Resolução**

**Alternativa B**

a) **Incorreta.** Logo no começo do parágrafo, fica claro que os garotos saíram à rua “para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção”. Assim, ir à casa da doida e provocá-la era algo que acabavam fazendo sem planejamento.

b) **Correta.** Segundo o texto, os garotos não eram comovidos pelas mães porque elas, na tentativa de explicar as limitações dos referidos doidos, apoiavam-se em “privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades”. Os meninos não seriam capazes de compreender por que seria necessário ter piedade de alguém incapaz de fazer algo que eles próprios, como crianças, também não poderiam fazer.

c) **Incorreta.** No segundo parágrafo, o enunciado “E isso não comovia ninguém” faz referência à argumentação frágil das mães para explicar por que seria errado provocar a doida. Portanto, a ausência de comoção não está ligada à atitude dos meninos.

d) **Incorreta.** Não se pode afirmar que as mães consideravam as provocações das crianças mera brincadeira, pois, de acordo com o texto, para essas mulheres, perturbá-la “era horroroso, poucos pecados seriam maiores”.

e) **Incorreta.** A afirmação “A loucura parecia antes erro do que miséria” reproduz a percepção dos meninos diante da frágil explicação das mães, e não o próprio julgamento das mulheres. Ademais, conforme o segundo parágrafo, havia repreensão das atitudes dos garotos por parte das mães.

**QUESTÃO 05**

“Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão.” (4º parágrafo)

Ao empregar a expressão “Deus sabe por que razão”, o narrador reforça, em relação à história divulgada, o seu caráter

- a) fantasioso.
- b) dramático.
- c) religioso.
- d) incerto.
- e) popular.

**Resolução**

**Alternativa D**

a) **Incorreta.** A história segundo a qual a mulher teria sido repudiada pelo marido consistia em um boato, não em um relato ficcional ou imaginado, portanto não é possível afirmar que a expressão reforça um suposto caráter fantasioso.

b) **Incorreta.** Não há tom de drama na expressão, logo não se pode dizer que há reforço de caráter dramático.

c) **Incorreta.** Em todo o quarto parágrafo, em que constam as narrativas do juventude da mulher, a única referência religiosa consta em “Deus sabe por que razão”. Nesse sentido, não se pode defender que houve reforço do caráter religioso, que é inexistente na história a que expressão está associada.

d) **Correta.** É relevante considerar que, nesse parágrafo do texto, o narrador passa a apresentar os boatos pertinentes ao passado da mulher a que se refere como doida. Assim, antes da primeira história, afirma que “Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras”, dando já a entender a impressão dos relatos que seguiriam. Ressalva ainda que a primeira narrativa tinha “variantes”, ou seja, diferentes desenrolares. A incerteza em torno da juventude da senhora fica ainda mais clara quando o narrador recupera uma nova história, em que teria sido o pai, e não o marido, o responsável pela condição da mulher em sua velhice. Assim, ao declarar “Deus sabe por que razão”, o narrador reforça o tom de incerteza que constrói ao longo de todo parágrafo, apelando a uma sabedoria popular segundo a qual os homens seriam incapazes de compreender certos eventos terrenos, cabendo o domínio apenas a uma figura onipresente.

e) **Incorreta.** A expressão “Deus sabe por que razão” não garante que a história seja popular, pois seu teor expressa incerteza.

**QUESTÃO 06**

No trecho “Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os são, fomos aquinhoados” (2º parágrafo), em respeito à norma-padrão, estaria correto o uso da preposição “a” em lugar de “com” se a expressão sublinhada fosse substituída por

- a) fazemos jus.
- b) recebemos.
- c) somos merecedores.
- d) estamos satisfeitos.
- e) nos orgulhamos.

**Resolução**

**Alternativa A**

Entre as expressões trazidas pela alternativa, a única que traz um verbo que rege a preposição “a” é “fazer jus”, que significa “merecer”, “reconhecer como verdadeiro” (quem faz jus, faz jus a algo). Por isso, estaria correto substituir “com” por “a” caso a expressão fosse “fazemos jus”. A expressão trazida pela alternativa B não exige preposição, as trazidas pelas alternativas C e E exigem a preposição “de” e a trazida pela alternativa D exige a preposição “com”. Por isso, a alternativa A é a correta.

**QUESTÃO 07**

- “loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo” (4º parágrafo)
- “Ninguém tinha ânimo de visitá-la” (4º parágrafo)
- “a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso” (5º parágrafo)

Os termos sublinhados foram empregados, respectivamente, em sentido

- a) literal, literal e literal.
- b) figurado, literal e figurado.
- c) literal, literal e figurado.
- d) figurado, figurado e literal.
- e) figurado, figurado e figurado.

**Resolução**

**Alternativa B**

No primeiro fragmento, o verbo “lavar”, que, literalmente, significa revolver e sulcar a terra, no excerto aproxima-se à ideia de “imprimir profundamente, inscrever, gravar”. Assim, figurativamente, entende-se que a pele da mulher idosa, possivelmente enrugada e sem viço, expõe as marcas de sua idade e, conseqüentemente, de sua história, de que faz parte a loucura.

No contexto do segundo excerto, a palavra “ânimo” é sinonímia para vontade, disposição, sendo esse seu sentido literal.

Finalmente, no terceiro enunciado, “afogar” expressa metaforicamente a ideia de que o remorso havia sido contido, reprimido, em alusão ao sentido denotativo do termo (morrer ou matar por submersão).

**QUESTÃO 08**

“Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.” (5º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado expressa ideia de

- a) finalidade.
- b) causa.
- c) proporção.
- d) comparação.
- e) consequência.

**Resolução**

**Alternativa B**

O período composto em apreço pode ser descrito como contendo duas orações subordinadas e uma principal. A oração “criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação” é a principal, à qual se unem duas subordinadas, uma adverbial, outra adjetiva. A oração destaca a ideia de uma relação de causa e consequência. Seria possível substituir a conjunção “como” por “uma vez que”, “já que” ou simplesmente “porque”, fazendo alterações na flexão do verbo “responder”. Ou seja, “criara-se na mente infantil a ideia de que um equilíbrio” por causa das respostas sempre furiosas da doida. Assim, a alternativa B responde adequadamente à questão.

**QUESTÃO 09**

Em “Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma” (3º parágrafo), o termo sublinhado é um verbo

- a) de ligação.
- b) transitivo direto e indireto.
- c) transitivo direto.
- d) intransitivo.
- e) transitivo indireto.

**Resolução**

**Alternativa D**

O Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0 registra como uma das acepções de “aparecer”: “tornar-se repentinamente visível (o que estava escondido, perdido)”. Nesse sentido, trata-se de verbo intransitivo. Portanto, teríamos [ela, a doida] “Não aparecia”. Cumpre dizer que “de frente” e “de corpo inteiro” desempenham a função sintática de adjuntos adverbiais. Ela não se revelava “de frente”, “de corpo inteiro”, como as outras pessoas.

**QUESTÃO 10**

Derivação regressiva: formação de palavras novas pela redução de uma palavra já existente. A redução se faz mediante supressão de elementos terminais (sufixos, desinências).

(Celso Pedro Luft. Gramática resumida, 2004.)

Constitui exemplo de palavra formada pelo processo de derivação regressiva o termo sublinhado em:

- a) “Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto” (4º parágrafo)
- b) “E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca.” (3º parágrafo)
- c) “Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho.” (2º parágrafo)
- d) “A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado.” (1º parágrafo)
- e) “O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doideira era uma falta grave” (5º parágrafo)

**Resolução**

**Alternativa C**

Consideraremos para esta questão que um substantivo derivado por regressão é:

I – um substantivo deverbal, que designa a mesma ação do verbo de origem.

II – formado pelo radical do verbo de origem, acrescido de uma vogal temática nominal.

a) **Incorreta.** O substantivo “moça” é uma palavra primitiva, isto é, não sofreu nenhum tipo de derivação. Compare com “mocinha”, “moceiro”, “moçoila”, todos derivados por sufixação de “moça”.

b) **Incorreta.** Assim como no item anterior, trata-se de um substantivo primitivo. Vejam-se “bocarra” ou “boqueira” como exemplos de derivados.

c) **Correta.** “Pega” é um substantivo derivado do verbo “pegar” por derivação regressiva. Nesse trajeto, cria-se um substantivo abstrato, que designa a mesma ação do verbo e é formado pelo radical do verbo mais uma vogal temática nominal.

d) **Incorreta.** Tal qual os itens A e B, D apresenta um substantivo primitivo, que poderia gerar por sufixação outros como “doideira” ou “doideira”.

e) **Incorreta.** Ainda que “culpa” cumpra um dos pré-requisitos para a derivação regressiva (radical + vogal temática), esse substantivo não designa a ação expressa pelo verbo “culpar”, para dizer-se que foi derivado deste.

**QUESTÃO 11**

É com base no mito da Arcádia que erguem suas doutrinas: destruindo a “hidra do mau gosto”, os árcades procuram realizar obra semelhante à dos clássicos antigos. Daí a imitação dos modelos greco-latinos ser a primeira característica a considerar na configuração da estética arcádica.

(Massaud Moisés. A literatura portuguesa, 1992. Adaptado.)

A “hidra do mau gosto” mencionada no texto refere-se ao estilo

- a) renascentista.
- b) pré-romântico.
- c) neoclássico.
- d) barroco.
- e) medieval.

**Resolução**

**Alternativa D**

As doutrinas do Arcadismo foram construídas com base no mito da Arcádia, local que era representado por uma paisagem idílica e fértil, povoada de pastores, donzelas ingênuas, de poesia e de música, onde o amor domina a preocupação dos seus habitantes. Muitos escritores e pintores retrataram feitos gloriosos e episódios míticos influenciados por esse cenário, caracterizado por ambiente bucólico e beleza estonteante, características que se assemelhavam muito às cultuadas no Classicismo.

Em vista disso, os arcades tinham certo repúdio aos excessos do Barroco por considerá-los exemplo de mau gosto, daí a necessidade de destruir a "hidra do mau gosto". A hidra é um animal da mitologia grega com várias cabeças de serpente, sendo uma delas imortal, e corpo de dragão. Se suas cabeças fossem cortadas, elas voltavam a nascer. No seu sentido figurado, a hidra representa os defeitos ou agregados psicológicos que os indivíduos carregam em si e que devem ser eliminados. A figura da hidra representa, então, a repulsa ao estilo *barroco*, período literário que antecedeu o Arcadismo.

**TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 12 A 17**

Leia o poema "Sou um evadido", do escritor português Fernando Pessoa.

Sou um evadido.  
Logo que nasci  
Fecharam-me em mim,  
Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa  
Do mesmo lugar,  
Do mesmo ser  
Por que não se cansar?

Minha alma procura-me  
Mas eu ando a monte<sup>1</sup>,  
Oxalá que ela  
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,  
Ser eu é não ser.  
Viverei fugindo  
Mas vivo a valer.

(Obra poética, 1997.)

<sup>1</sup> "andar a monte": andar fugido das autoridades.

**QUESTÃO 12**

A fuga retratada no poema é uma fuga

- a) do anonimato.
- b) da identidade.
- c) da multiplicidade.
- d) da sociedade.
- e) da aparência.

**Resolução**

**Alternativa B**

a) **Incorreta.** A fama e o anonimato não parecem uma questão para o eu lírico, que, antes, se preocupa com a necessidade de sua multiplicidade interior.

b) **Correta.** O eu lírico foge de si mesmo, desde o nascimento ("Logo que nasci/Fecharam-me em mim, /Ah, mas eu fugi."), foge de sua alma ("Minha alma procura-me"). Trata-se da angústia de uma identidade que quer se fragmentar ("Ser eu é não ser").

c) **Incorreta.** Ao contrário do que se propõe na alternativa, há uma fuga para a "multiplicidade" e não uma fuga da "multiplicidade". Isto é, a multiplicidade e a fratura identitárias são os objetivos do eu lírico.

d) **Incorreta.** A fuga não é motivada por fatores externos, mas por questões internas ao eu lírico, de foro íntimo. Portanto, não se pode falar de uma fuga do meio social.

e) **Incorreta.** A preocupação do eu lírico está na essência e não na aparência. Sabe-se que para ele o problema está no "ser" um único, uno.

**QUESTÃO 13**

O eu lírico expressa um desejo em:

- a) "Ser eu é não ser." (4ª estrofe)
- b) "Ah, mas eu fugi." (1ª estrofe)
- c) "Logo que nasci / Fecharam-me em mim," (1ª estrofe)
- d) "Minha alma procura-me / Mas eu ando a monte," (3ª estrofe)
- e) "Oxalá que ela / Nunca me encontre." (3ª estrofe)

**Resolução**

**Alternativa E**

Nos primeiros quatro itens, há frases declarativas. Essas frases fazem uma afirmação ou uma negação sobre um evento que se descreve. Em A e D, essas assertivas se dão no tempo presente, descrevendo um estado atual de coisas. Em B e C, vemos afirmações pretéritas. As frases optativas são aquelas em que se expressam desejos, vontades de que se realize algo esperado. São típicas dessas construções as palavras "tomara", "oxalá" ou simplesmente a conjunção "que".

Texto para questões de 12 a 17

**QUESTÃO 14**

O eu lírico inclui o leitor em sua argumentação

- a) na terceira estrofe, apenas.
- b) na primeira estrofe, apenas.
- c) na quarta estrofe, apenas.
- d) na segunda estrofe, apenas.
- e) na segunda e na terceira estrofes.

**Resolução**

**Alternativa D**

Haverá inclusão do leitor no texto quando acontecerem marcas de interlocução. O eu lírico emprega "a gente", na segunda estrofe, para criar um efeito generalizante. Como se todos, incluindo eu poético e leitor, se cansassem da mesmice. Esse movimento argumentativo está restrito à segunda estrofe do texto.

Texto para questões de 12 a 17

**QUESTÃO 15**

Decorre da evasão empreendida pelo eu lírico

- a) sua cisão interna.
- b) seu desprezo pelo mundo.
- c) seu desejo de morrer.
- d) sua ausência de esperança.
- e) seu isolamento social.

**Resolução**

**Alternativa A**

a) **Correta.** A terceira estrofe do poema indica com clareza que a fuga do eu lírico provoca nele uma ruptura, uma cisão. No verso "Minha alma procura-me" fica indiciado que a alma do eu lírico se separou de seu corpo, e essa separação é decorrente de sua fuga, pois, segundo o eu lírico, ao nascer, fecharam-no nele mesmo mas ele fugiu – provocando, então, uma cisão interna.

b) **Incorreta.** Não há nenhuma passagem no poema que permita afirmar que o eu-lírico sinta um desprezo pelo mundo.

c) **Incorreta.** O poema trata de uma reinvenção, do fugir-se de si mesmo o tempo todo para, assim – conforme explicita o último verso – viver a valer. Não há, portanto, por parte do eu lírico, um desejo de morrer, mas de viver.

d) **Incorreta.** Não é possível afirmar que a evasão citada pelo eu lírico cause uma ausência de esperança, uma vez que é justamente essa fuga constante que lhe permite viver "a valer".

e) **Incorreta.** Ainda que o poema trate de uma fuga, a movimentação contemplada pelo poema é interna ao eu lírico (a fuga de si mesmo, a alma que se separa) e não externa. Nesse sentido, não há elementos textuais suficientes que permitam afirmar que a evasão do eu lírico cause um isolamento social.

**QUESTÃO 16**

"Rima rica" é aquela que ocorre entre palavras de classes gramaticais diferentes, a exemplo do que se verifica

- a) na primeira estrofe ("nasci"/"fugi") e na segunda estrofe ("lugar"/"cansar").
- b) na terceira estrofe ("monte"/"encontre"), apenas.
- c) na segunda estrofe ("lugar"/"cansar"), apenas.
- d) na primeira estrofe ("nasci"/"fugi") e na terceira estrofe ("monte"/"encontre").
- e) na segunda estrofe ("lugar"/"cansar") e na terceira estrofe ("monte"/"encontre").

**Resolução**

**Alternativa E**

Como se explicou no enunciado da questão, as rimas ricas são aquelas em que palavras de gramaticais diferentes coincidem. A estas, se opõem as rimas pobres, rimas com palavras da mesma classe gramatical.

- a) Incorreta.** Em (“nasci”/“fugi”) há uma rima pobre (dois verbos no pretérito perfeito), ainda que em (“lugar”/“cansar”) haja uma rima rica.  
**b) Incorreta.** O par (“monte”/“encontre”) constitui uma rima rica. No entanto, esse não é o único exemplo desse tipo de rima no poema, como se viu acima.  
**c) Incorreta.** Embora em (“lugar”/“cansar”) haja uma rima rica, essa não é a única do poema.  
**d) Incorreta.** Como já se observou, (“nasci”/“fugi”) são uma rima pobre, ao passo que (“monte”/“encontre”) representam uma rima rica.  
**e) Correta.** Os pares (“lugar”/“cansar”) e (“monte”/“encontre”) são rimas ricas, já que há substantivo rimando com verbo em ambos os casos.

**QUESTÃO 17**

“Se a gente se cansa  
Do mesmo lugar,  
Do mesmo ser  
Por que não se cansar?” (2ª estrofe)

Os termos sublinhados constituem

- a)** pronomes, somente.  
**b)** conjunção, pronome e pronome, respectivamente.  
**c)** conjunções, somente.  
**d)** pronome, conjunção e conjunção, respectivamente.  
**e)** conjunção, conjunção e pronome, respectivamente.

**Resolução**

**Alternativa B**

Em sua primeira ocorrência, o termo “se” tem sentido equivalente ao da expressão “uma vez que”, o que nos leva à correta interpretação de que, neste caso, estamos diante de uma conjunção com valor causal. Também seria possível interpretá-lo como uma conjunção condicional, uma vez que expressa uma hipótese: “Se a gente se cansa do mesmo lugar, ...”.

Em sua segunda e terceira ocorrências, o termo “se” aparece como parte integrante do verbo “cansar-se”, ou seja, comporta-se como um pronome oblíquo.

Assim, temos como correta a alternativa B.

**QUESTÃO 18**

Os \_\_\_\_\_ haviam “civilizado” a imagem do índio, injetando nele os padrões do cavalheirismo convencional. Os \_\_\_\_\_, ao contrário, procuraram nele e no negro o primitivismo, que injetaram nos padrões da civilização dominante como renovação e quebra das convenções acadêmicas.

(Antonio Candido. Iniciação à literatura brasileira, 2010. Adaptado.)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por

- a)** românticos e simbolistas.  
**b)** árcades e simbolistas.  
**c)** árcades e modernistas.  
**d)** românticos e modernistas.  
**e)** simbolistas e modernistas.

**Resolução**

**Alternativa D**

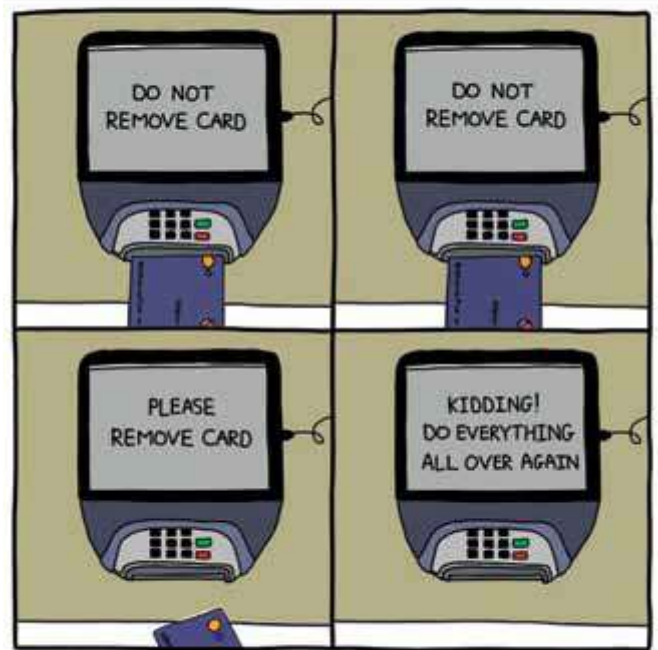
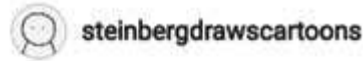
As lacunas devem ser preenchidas por românticos e modernistas, respectivamente.

No Romantismo, a imagem do índio aparece idealizada, comumente representada como herói nacional; guerreiro invencível. Essa representação destoava bastante do caráter exótico e selvagem que sempre estiveram nos textos dos viajantes e em documentos oficiais da Coroa Portuguesa e da Igreja. Os “novos” índios representados pelos românticos eram, em oposto a isso, civilizados. Dessa forma, é possível afirmar que “os românticos haviam ‘civilizado’ a imagem do índio, injetando nele os padrões do cavalheirismo convencional” [do homem branco europeu].

Já no Modernismo, os escritores buscavam representar a “verdadeira identidade nacional”, na tentativa de quebrar com os valores anteriormente usados, ou seja, as referências europeias. Os índios, então, passaram a ser representados como selvagens, o oposto do homem civilizado. Logo, é possível afirmar que “os modernistas ao contrário, procuraram nele e no negro o primitivismo, que injetaram nos padrões da civilização dominante como renovação e quebra das convenções acadêmicas”.

**QUESTÃO 19**

Examine a tira de Steinberg, publicada em seu Instagram no dia 20.08.2018.



Colabora para o efeito de humor da tira o recurso à figura de linguagem denominada

- a)** eufemismo.  
**b)** pleonasma.  
**c)** hipérbole.  
**d)** personificação.  
**e)** sinestesia.

**Resolução**

**Alternativa D**

**a) Incorreta.** Não há eufemismo empregado na tira, uma vez que não há nenhum tipo de suavização de termos que poderiam ser considerados ofensivos ou desagradável.

**b) Incorreta.** Para que houvesse pleonasma, seria necessário haver alguma redundância ou acréscimo de termos desnecessários ao entendimento da sentença. Como esse fenômeno não acontece na tira, não é possível afirmar que essa figura de linguagem colabora para o efeito de humor da tira.

**c) Incorreta.** A hipérbole se caracteriza pelo exagero intencionalmente marcado para enfatizar determinado elemento. Não vemos isso acontecendo na tira, logo, é incorreto afirmar que a tira se utiliza da hipérbole para criar um efeito de humor.

**d) Correta.** Há uma personificação da máquina de cartão de crédito representada nas figuras da tira. As mensagens que aparecem em seu visor funcionam como aquilo que a máquina “diz” (há, inclusive, um ponto de exclamação que reforça tal interpretação), e, além disso, o fato de a máquina apresentar um “senso de humor” ao informar ao usuário que ele deverá repetir a operação aponta também para uma característica humanizada – ou seja, personificada –, já que máquinas não teriam esse tipo de interação.

**e) Incorreta.** A sinestesia se caracteriza pela associação de sensações causadas por sentidos diferentes (como olfato e visão, por exemplo). Não há, na tira, nenhum momento em que seja possível perceber essa figura de linguagem.

**TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 20 A 27**

Leia o trecho do livro *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre.

Mas a casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. Desempenhou outra função importante na economia brasileira: foi também banco. Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se joias, ouro, valores. Às vezes guardavam-se joias nas capelas, enfeitando os santos. Daí Nossas Senhoras sobrecarregadas à baiana de teteias, balangandãs, corações, cavalinhos, cachorrinhos e correntes de ouro. Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras joias de São Benedito; mas sob o pretexto, ponderável para a época, de que “negro não devia ter luxo”. Com efeito, chegou a proibir-se, nos tempos coloniais, o uso de “ornatos de algum luxo” pelos negros.

Por segurança e precaução contra os corsários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as joias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres- -nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. Às vezes dinheiro dos outros, de que os senhores ilicitamente se haviam apoderado. Dinheiro que compadres, viúvas e até escravos lhes tinham entregue para guardar. Sucedeu muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miséria devido à esperteza ou à morte súbita do depositário. Houve senhores sem escrúpulos que, aceitando valores para guardar, fingiram-se depois de estranhos e desentendidos: “Você está maluco? Deu-me lá alguma cousa para guardar?”

Muito dinheiro enterrado sumiu-se misteriosamente. Joaquim Nabuco, criado por sua madrinha na casa-grande de Maçangana, morreu sem saber que destino tomara a ourama para ele reunida pela boa senhora; e provavelmente enterrada em algum desvão de parede. [...] Em várias casas-grandes da Bahia, de Olinda, de Pernambuco se têm encontrado, em demolições ou escavações, botijas de dinheiro. Na que foi dos Pires d’Ávila ou Pires de Carvalho, na Bahia, achou-se, num recanto de parede, “verdadeira fortuna em moedas de ouro”. Noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justicados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades. Conta-se que o visconde de Suaçuna, na sua casa-grande de Pombal, mandou enterrar no jardim mais de um negro supliciado por ordem de sua justiça patriarcal. Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos. Um desses patriarcas, Pedro Vieira, já avô, por descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predileção, mandou matá-lo pelo irmão mais velho.

(In: Silviano Santiago (coord.). *Intérpretes do Brasil*, 2000.)

**QUESTÃO 20**

De acordo com o texto, os ladrões da época evitavam praticar furtos

- a) devido à violência dos senhores de engenho.
- b) por respeito aos mortos.
- c) devido às crenças religiosas.
- d) em razão do rigor da justiça.
- e) por medo de assombrações.

**Resolução**

**Alternativa C**

a) **Incorreta.** De acordo com o texto, os senhores das casas-grandes guardavam ouro e joias nas capelas, lugar em que os ladrões nem se atreviam a entrar. Não era, então, a violência dos senhores de engenho que impedia os furtos, pois que os ladrões sequer entravam nos recintos em que estavam os itens de valor.

b) **Incorreta.** Na passagem em que trata desse assunto (no primeiro parágrafo), o texto não traz nenhuma menção aos mortos ou ao possível respeito que os ladrões teriam por eles, logo, não é esse o motivo que impedia os furtos.

c) **Correta.** No trecho “Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos” evidencia o motivo pelo qual os ladrões evitavam praticar os furtos: eram tempos piedosos, ou seja, de devoção e religiosidade e, por isso, seria impensável roubar os santos. Nesse sentido, é correto afirmar que as

crenças religiosas eram a razão pela qual os ladrões da época evitavam furtar as casas, já que os itens de valor eram guardados nas capelas.

d) **Incorreta.** Não há nenhuma menção ao papel da justiça naquele momento histórico e na situação retratada.

e) **Incorreta.** Não há, no texto, nenhuma referência a assombrações que causassem medo nos ladrões e que, por isso, impedissem que os furtos acontecessem.

**QUESTÃO 21**

“Noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justicados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades.” (3º parágrafo)

Conclui-se da leitura desse trecho que, em relação às autoridades, os senhores de engenho assumiam um comportamento

- a) transgressor.
- b) vingativo.
- c) submisso.
- d) isento.
- e) respeitoso.

**Resolução**

**Alternativa A**

O excerto de Gilberto Freyre evidencia as especificidades do sistema social organizado em torno da Casa-Grande. Os modos de viver levados pelos que habitavam esse universo estavam à margem da Justiça secular. Valia, nesse espaço, a vontade do senhor da casa, que escondia dinheiros para fugir ao fisco, mandava matar escravos e enterrar na própria casa para não terem que lidar com as implicações legais disso etc.

Portanto, a expressão “à revelia” significa “sem o conhecimento prévio de uma das partes interessadas”. Assim, podemos concluir que os senhores de engenho, vontades supremas dentro de suas posses, agiam deliberadamente contra as autoridades, isto é, transgrediam suas prescrições.

Para comprovar a inadequação das outras alternativas, temos que “vingativo” significa “aquele que tem propensão a atos de vingança”; “submisso” é “aquele que se submete”; “isento” significa “sem obrigação de”; “respeitoso” é “aquele que respeita”.

**QUESTÃO 22**

Guardadas as proporções, o ambiente retratado no texto de Gilberto Freyre aparece com destaque na produção literária de

- a) Euclides da Cunha.
- b) Machado de Assis.
- c) Aluísio Azevedo.
- d) José Lins do Rego.
- e) Lima Barreto.

**Resolução**

**Alternativa D**

O ambiente retratado por Gilberto Freyre diz respeito à casa-grande, ou seja, a casa da família proprietária das grandes propriedades rurais no período Brasil Colônia. A casa-grande apresenta grande contraste em relação à senzala, alojamento destinado à moradia dos escravos. Esse mesmo ambiente aparece comumente na obra de José Lins do Rego, autor pertencente à terceira geração modernista que tem uma ampla produção de romances regionais.

Sua obra regionalista deu grande enfoque ao nordeste, principalmente ao representar o declínio do nordeste canavieiro. O autor escreveu cinco livros que nomeou como “Ciclo da cana-de-açúcar”, fazendo referência justamente ao engenho açucareiro nordestino. São eles: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936).

Logo, por ter uma temática voltada para esse ambiente, a representação da casa-grande é frequente na produção literária de José Lins do Rego, assim como se fez presente na obra “Casa-grande e senzala”, de Gilberto Freyre.

**QUESTÃO 23**

“Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras joias de São Benedito; mas sob o pretexto, ponderável para a época, de que ‘negro não devia ter luxo’.” (1º parágrafo)

Em relação à frase anterior, a frase sublinhada constitui uma

- a) condição.
- b) ratificação.
- c) conclusão.
- d) redundância.
- e) ressalva.

**Resolução**

**Alternativa E**

A frase sublinhada aponta para um fato que exemplifica uma situação descrita como rara no período anterior (ladrões entrarem em capelas e roubar santos), nesse sentido, a frase destacada contradiz parcialmente o que havia sido afirmado anteriormente – ou seja, a frase apresenta uma **ressalva**. Considerando, então, tal relação, temos como correta a alternativa E, uma vez que nenhuma das relações apontadas pelas demais alternativas se mostra adequada ao que o texto nos apresenta.

**QUESTÃO 24**

Em “Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos.” (3º parágrafo), a conjunção que poderia unir as duas frases, sem alteração de sentido, é:

- a) como.
- b) mas.
- c) embora.
- d) se.
- e) pois.

**Resolução**

**Alternativa E**

O sentido que se constrói entre as frases é o de que, se havia senhores que mandavam matar seus próprios filhos, não seria de se admirar que houvesse senhores capazes de matar seus escravos e enterrá-los em seus quintais. Nesse sentido, uma conjunção que una adequadamente as duas frases deve satisfazer essa relação de causalidade (o que aparece na segunda frase sustenta o que havia aparecido na primeira) e, então, a única das conjunções listadas pelas alternativas que se adequa ao sentido do texto é “pois”, o que nos leva à alternativa E como a correta.

**QUESTÃO 25**

A expressão do texto cujo sentido está corretamente indicado é:

- a) “ponderável para a época” (1º parágrafo) → desprezível para o tempo.
- b) “tempos piedosos” (1º parágrafo) → época fervorosa.
- c) “excessos demagógicos” (2º parágrafo) → desmando político.
- d) “tendências comunistas” (2º parágrafo) → incitação pública.
- e) “zelos exagerados” (2º parágrafo) → aflições excessivas.

**Resolução**

**Alternativa B**

a) **Incorreta.** O que invalida esta alternativa é o fato de que “ponderável” (aquilo que se pode medir, avaliar) não apresenta o mesmo sentido de “desprezível” (aquilo que merece desprezo, repulsa).

b) **Correta.** O termo “piedosos”, no contexto em que foi empregado, assume valor de “religiosos”, “devotos”, sentido que também pode ser expresso pelo termo “fervorosos”. De forma semelhante, “época” e “tempos” assumem o mesmo valor, portanto, a expressão “tempos piedosos” tem o mesmo sentido que o expresso por “época fervorosa”.

c) **Incorreta.** O que invalida a alternativa é o fato de que “desmando político” não significa necessariamente “excessos demagógicos”, uma vez que estes representam ações mais específicas (conquistar o apoio popular como via de obtenção de poder), enquanto aquele faz referência a qualquer tipo de abuso político.

d) **Incorreta.** O termo “tendências comunistas” faz referência a uma vontade de compartilhar bens, que, segundo o texto, era característica dos indígenas e dos africanos especificamente. O termo não tem relação, então com “incitação pública”, que significa estímulo, incentivo do público.

e) **Incorreta.** O termo “zelo” tem sentido de “cuidado”, “precaução”, e não tem, portanto, sentido de “aflição”. Por isso, esta alternativa está incorreta.

**QUESTÃO 26**

Ao se transpor a frase “Às vezes guardavam-se joias nas capelas, enfeitando os santos.” (1º parágrafo) para a voz passiva analítica, o termo sublinhado assume a seguinte forma:

- a) seriam guardadas.
- b) fossem guardadas.
- c) foram guardadas.
- d) eram guardadas.
- e) são guardadas.

**Resolução**

**Alternativa D**

A construção da voz passiva analítica se dá a partir da junção entre o verbo SER e particípio do verbo principal (no caso, *guardar*), sendo que a variação temporal deve vir marcada pelo verbo auxiliar.

No caso apresentado, então, temos que o termo “joias” exige que o particípio apareça flexionado no feminino plural (*guardadas*). Já o verbo auxiliar deve aparecer no pretérito imperfeito para manter a relação temporal explicitada pela construção na voz passiva sintética, em que o verbo “guardavam” também aparecia como pretérito imperfeito.

**QUESTÃO 27**

A forma verbal destacada deve sua flexão ao termo sublinhado em:

- a) “**Deu-me lá alguma coisa para guardar?**” (2º parágrafo)
- b) “**Sucedeu muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miséria devido à esperteza ou à morte súbita do depositário.**” (2º parágrafo)
- c) “**Desempenhou outra função importante na economia brasileira:** foi também banco.” (1º parágrafo)
- d) “os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privativismo, **enterraram dentro de casa as joias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos.**” (2º parágrafo)
- e) “Às vezes dinheiro dos **outros**, de que os senhores ilicitamente **se haviam apoderado.**” (2º parágrafo)

**Resolução**

**Alternativa B**

Para que a forma verbal deva sua flexão ao termo sublinhado, esse termo deverá ser sujeito do verbo.

a) **Incorreta.** O verbo “deu” tem sujeito oculto, “você”. O termo destacado é objeto direto desse verbo.

b) **Correta.** O verbo “sucedeu” tem sujeito oracional. Para ser mais preciso, são duas orações subordinadas substantivas subjetivas reduzidas de infinitivo “muita dessa gente ficar sem os seus valores” e “acabar na miséria devido à esperteza ou à morte súbita do depositário”, coordenadas entre si.

c) **Incorreta.** O verbo “desempenhou” tem sujeito oculto, ela, “a casa grande”. O termo destacado é objeto direto do verbo.

d) **Incorreta.** O sujeito do verbo “enterraram” é expresso: “os grandes proprietários”. O termo sublinhado desempenha a função de complemento direto do verbo.

e) **Incorreta.** A locução verbal “se haviam apoderado” tem como sujeito “os senhores”. O termo destacado é núcleo de um adjunto adnominal.

**QUESTÃO 28**

A verve social da poesia de João Cabral de Melo Neto mostra-se mais evidente nos versos:

a) A cana cortada é uma foice.  
Cortada num ângulo agudo,  
ganha o gume afiado da foice  
que a corta em foice, um dar-se mútuo.  
Menino, o gume de uma cana  
cortou-me ao quase de cegar-me,  
e uma cicatriz, que não guardo,  
soube dentro de mim guardar-se.

b) Formas primitivas fecham os olhos  
escafandros ocultam luzes frias;  
invisíveis na superfície pálpebras  
não batem.  
Friorentos corremos ao sol gelado  
de teu país de mina onde guardas  
o alimento a química o enxofre  
da noite.



c) No espaço jornal  
a sombra come a laranja,  
a laranja se atira no rio,  
não é um rio, é o mar  
que transborda de meu olho.  
No espaço jornal  
nascendo do relógio  
vejo mãos, não palavras,  
sonho alta noite a mulher  
tenho a mulher e o peixe.

d) Os sonhos cobrem-se de pó.  
Um último esforço de concentração  
morre no meu peito de homem enforcado.  
Tenho no meu quarto manequins corcundas  
onde me reproduzo  
e me contemplo em silêncio.

e) O mar soprava sinos  
os sinos secavam as flores  
as flores eram cabeças de santos.  
Minha memória cheia de palavras  
meus pensamentos procurando fantasmas  
meus pesadelos atrasados de muitas noites.

Resolução

Alternativa A

João Cabral de Melo Neto, escritor pertencente à terceira geração modernista, apresenta em suas obras grande engajamento com a crítica social. Em grande parte delas, a crítica é voltada para a sociedade, abordando problemas como miséria social, fome, entre outros. Deve-se identificar, então, em qual verso essa característica se mostra mais aparente.

a) **Correta.** O poema traz como pano de fundo uma plantação de cana-de-açúcar, onde um pedaço de cana fere o eu lírico quando menino a ponto de quase cegá-lo, deixando-lhe uma cicatriz. A figura da cicatriz pode ser interpretada tanto de forma literal quanto figurada, como uma marca; memória da condição a qual, desde a infância, o garoto foi submetido pela miséria social.

b) **Incorreta.** O trecho tem uma atmosfera surrealista; as imagens são ditadas pelas paisagens dos sonhos, sem parâmetros lógicos.

c) **Incorreta.** A estrofe demonstra a preocupação de João Cabral com a forma de suas poesias. Ao usar a expressão-chave "espaço jornal", o autor faz referência à organização do espaço no poema como o de uma folha de jornal: milimetricamente determinado, organizado, diagramado.

d) **Incorreta.** No trecho também há traços surrealistas, no entanto, eles estão junto a imagens concretas. Nele, o autor divaga sobre seus sonhos e faz uma descrição de seu quarto. Logo, não há crítica social.

e) **Incorreta.** Novamente, há nesta estrofe elementos surrealistas: as imagens apresentadas rompem com as relações esperadas do real.

QUESTÃO 29

Para exprimir seu pensamento, este escritor teve de forjar uma língua que é só dele. O leitor que aborda pela primeira vez um de seus livros fica desconcertado com a obscuridade dessa língua. Mas ao mesmo tempo é subjugado, e enfeitiçado, por essa maneira inteiramente nova de dizer as coisas. E pouco a pouco tudo começa a adquirir um sentido, um sentido múltiplo, ambíguo, numa palavra, poético. Seu vocabulário é inteiramente renovado pela prática sistemática do neologismo. Todos os recursos da fonética são explorados.

(Paul Teyssier. *Dicionário de literatura brasileira*, 2003. Adaptado.)

O texto refere-se ao escritor

- a) Guimarães Rosa.
- b) Graciliano Ramos.
- c) Euclides da Cunha.
- d) Machado de Assis.
- e) José de Alencar.

Resolução

Alternativa A

Guimarães Rosa, autor que se insere na terceira geração modernista, buscou imprimir em suas obras a maneira particular de cada sujeito falante, criando uma língua própria, formada por neologismos e aglutinações de palavras. Para isso, é constante o uso de termos coloquiais típicos do sertão, além de palavras que praticamente já estão em desuso. Há também a criação de neologismos, como "refrio", "retrovão", "levantante", "desfalar". Guimarães fez nascer, então, uma

língua carregada de regionalismo, uma língua do "povo". Logo, o texto trazido pela questão diz respeito ao autor.

QUESTÃO 30

Tal movimento artístico floresceu em meados do século XX e baseava-se no imaginário do consumismo e da cultura popular. Foi visto como uma reação ao expressionismo abstrato, pois seus praticantes reintroduziram no repertório plástico imagens figurativas e fizeram uso de temas banais.

(Ian Chilvers (org.). *Dicionário Oxford de arte*, 2007. Adaptado.)

Uma obra representativa do movimento artístico retratado no texto está reproduzida em:

a)



(René Magritte. *Variante da tristeza*)

b)



(Salvador Dalí, *Sonho causado pelo voo de uma abelha ao redor de uma romã em segundo antes de acordar.*)

c)



(Wassily Kandinsky, *Composição VIII*.)

d)



(Roy Lichtenstein. No carro.)

e)



(Jackson Pollock. Sem título.)

**Resolução** **Alternativa D**

O texto do enunciado faz referência ao movimento artístico do **Pop Art** (abreviação das palavras em inglês **Popular Art**), do qual Roy Lichtenstein é um expoente norte-americano e cuja obra "No carro" data do início da década de 60. São algumas características desse movimento:

- Linguagem figurativa e realista referindo-se aos costumes, ideias e aparências do mundo contemporâneo;
- Temática extraída do meio ambiente urbano das grandes cidades, de seus aspectos sociais e culturais: história em quadrinhos, revistas, jornais sensacionalistas, fotografias, anúncios publicitários, cinema, rádio, televisão, música, espetáculos populares, elementos da sociedade de consumo e de conveniências (alimentos enlatados, geladeiras, carros, estradas, postos de gasolina, etc.);
- Formas e figuras em escala natural e ampliada (os formatos das imagens em quadrinhos de Lichtenstein);
- Uso de matérias como tinta acrílica, poliéster e látex, produzindo cores puras, brilhantes e fosforescentes inspiradas na indústria e nos objetos de consumo;
- Reprodução de objetos do cotidiano em tamanho consideravelmente grande, transformando o real em hiper-real.

Fonte: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/pop-art/>.  
Acessado em: 13/12/2018.

A alternativa A traz a obra "Variante da tristeza", de 1957, do pintor surrealista belga René Magritte. A alternativa B traz a obra "Sonho causado pelo voo de uma abelha ao redor de uma romã em segundo antes de acordar", datada de 1944, do pintor catalão surrealista Salvador Dalí. A alternativa C traz a obra de arte abstrata "Composição VIII", de 1923, do artista plástico russo Wassily Kandinsky. A alternativa E traz a obra de expressionismo abstrato "Sem título", datada de 1949, do pintor norte-americano Jackson Pollock.

**INGLÊS**

**TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 31 A 35**

Words that define the present

At a time when the world is changing more quickly than ever before, we need a new vocabulary to help us grasp what's happening.



*Catfishing*. This word would make more sense if it referred to fishing for cats, but in fact, it refers to people who construct false identities online. Whether out of boredom, loneliness or malice, they lure other people into continued messaging correspondence, thereby building false relationships with them (the apparent source of the term "catfish" is a 2010 documentary called *Catfish*, whose verity, ironically enough, has been questioned).

There are two ways of looking at this: 1) The internet/cyberspace is wonderful, because it gives people the freedom to augment or totally change their identities, and this is a marvellous new dawn for human expression, a new step in human evolution. 2) Nah, it's a false dawn, because the internet is essentially a libertarian arena, and, as such, an amoral one (lots of "freedoms" but with no attendant social obligations); it is a new jungle where we must watch our backs and struggle for survival, surely a backward step in evolution. I lean toward the latter.

(Cameron Laux. www.bbc.com, 08.08.2018. Adaptado.)

**QUESTÃO 31**

De acordo com o texto, o termo *catfishing*

- a) é baseado em um filme com narrativa equivocada.
- b) representa um tipo de jogo entre duas identidades fictícias na internet.
- c) é atribuído a uma plataforma on-line de relacionamentos na internet.
- d) denuncia relacionamentos que estão se tornando essencialmente virtuais.
- e) implica interpretações que podem ser positivas ou negativas.

**Resolução** **Alternativa E**

Traduzindo o texto temos:

Palavras que definem o presente

Em uma época em que o mundo está mudando mais rapidamente do que nunca, precisamos de um novo vocabulário para nos ajudar a compreender o que está acontecendo.

*Catfishing*. Esta palavra faria mais sentido se ela se referisse à pesca de gatos, mas na verdade, refere-se às pessoas que constroem falsas identidades on-line. Seja por tédio, solidão ou maldade, eles atraem outras pessoas para correspondência de mensagens contínuas, construindo assim relações falsas com eles (a fonte aparente do termo "*Catfishing*" é um documentário de 2010 chamado *Catfishing*, cuja veracidade, ironicamente, tem sido questionada).

Há duas maneiras de se olhar para isto: 1) A Internet / ciberespaço é maravilhoso, porque ele oferece às pessoas a liberdade de melhorar ou mudar totalmente suas identidades, e esta é uma maravilhosa "nova aurora" para a expressão humana, um novo passo na evolução humana. 2) Não, é um falso amanhecer, porque a internet é essencialmente uma arena libertária e, como tal, uma amoral (muitas "liberdades", mas sem respectivas obrigações sociais); é uma nova selva onde temos que tomar cuidado e lutar pela sobrevivência, certamente um retrocesso na evolução. Eu me inclino para a última.

De acordo com o texto, o termo *Catfishing*

- a) **Incorreta.** A fonte aparente do termo *Catfishing* ou "peixe-gato" é um documentário de 2010 chamado *Catfishing*, cuja veracidade, ironicamente, tem sido questionada. Não podemos dizer com certeza que o termo é baseado em um filme com narrativa equivocada, pois a narrativa tem a veracidade questionada e não refutada.
- b) **Incorreta.** O texto fala de identidades falsas na internet, mas não há um jogo entre duas identidades especificamente.
- c) **Incorreta.** O texto não menciona nada sobre uma plataforma on-line de relacionamento.
- d) **Incorreta.** Não há uma denúncia sobre relacionamentos que estão se tornando essencialmente virtuais. Há sim um alerta para tomarmos cuidado com esses perfis falsos.
- e) **Correta.** Implica interpretações que podem ser positivas ou negativas. No segundo parágrafo podemos perceber que, segundo o autor, há duas maneiras de se enxergar o termo *Catfishing*, como algo bom que dá às pessoas a liberdade de melhorar ou mudar suas identidades e como algo ruim, falso e amoral.

**QUESTÃO 32**

According to the first paragraph, new words like "catfishing" are necessary because they

- a) aid older people who may not understand what young people mean.
- b) describe a generational conflict between outdated and new manners.
- c) prove that new behaviours appear and vanish too quickly.
- d) help people to understand transformations in the world.
- e) show that language is not supposed to be stagnant.

**Resolução** **Alternativa D**

Traduzindo o primeiro parágrafo temos:

Em uma época em que o mundo está mudando mais rapidamente do que nunca, precisamos de um novo vocabulário para nos ajudar a compreender o que está acontecendo.

*Catfishing*. Esta palavra faria mais sentido se ela se referisse à pesca de gatos, mas na verdade, refere-se às pessoas que constroem falsas identidades on-line. Seja por tédio, solidão ou maldade, eles atraem outras pessoas para correspondência de mensagens contínuas, construindo assim relações falsas com eles (a fonte aparente do termo "*Catfishing*" é um documentário de 2010 chamado *Catfishing*, cuja veracidade, ironicamente, tem sido questionada).

- a) **Incorreta.** "auxiliam pessoas mais velhas que podem não entender o que pessoas mais jovens querem dizer." No primeiro parágrafo não há nada sobre novas palavras serem necessárias para ajudar (*aid*) pessoas mais velhas que possam não entender o que os mais jovens querem dizer.
- b) **Incorreta.** "descrevem um conflito geracional entre as maneiras antigas e novas." O primeiro parágrafo não descreve um conflito geracional entre desatualizados e novos modos.
- c) **Incorreta.** "provam que novos comportamentos aparecem e desaparecem muito rapidamente." O primeiro parágrafo não prova que novos comportamentos aparecem (*appear*) e desaparecem (*vanish*) muito rapidamente.
- d) **Correta.** "ajuda pessoas a entenderem as transformações do mundo." O primeiro parágrafo afirma que precisamos de um novo vocabulário para nos ajudar a compreender o que está acontecendo, ou seja, um novo vocabulário para ajudar as pessoas a entenderem as transformações no mundo.
- e) **Incorreta.** "mostram que a linguagem não deveria estar estagnada." Ainda de acordo com o primeiro parágrafo, novas palavras servem para nos ajudar a compreender o que está acontecendo, não para mostrar que a língua não deve ser supostamente estagnada.

**QUESTÃO 33**

No trecho do segundo parágrafo "they lure other people into continued messaging correspondence", o termo sublinhado tem sentido, em português, de

- a) selecionar.
- b) atrair.
- c) desprezar.
- d) conversar.
- e) impressionar.

**Resolução**

**Alternativa B**

- a) **Incorreta.** O verbo selecionar em inglês pode ser utilizado como *to select, to choose, to pick, to cast*.
- b) **Correta.** O verbo *to lure* em português é **atrair** ou **seduzir**.
- c) **Incorreta.** O verbo desprezar em inglês é *to despise*.
- d) **Incorreta.** O verbo conversar em inglês é *to talk*.
- e) **Incorreta.** O verbo impressionar em inglês é *to impress*.

**QUESTÃO 34**

O trecho do terceiro parágrafo "we must watch our backs" significa que devemos

- a) enfrentar os desafios de frente.
- b) lutar contra as adversidades da vida.
- c) prestar atenção para não sermos pegos de surpresa.
- d) virar as costas para pessoas desagradáveis.
- e) deixar o passado para trás.

**Resolução**

**Alternativa C**

- a) **Incorreta.** Enfrentar os desafios de frente em inglês poderia ser dito como: *To face the obstacles*.
- b) **Incorreta.** Lutar contra as adversidades da vida seria *to fight the adversities of life*.
- c) **Correta.** Traduzindo a expressão: "**We must watch our backs**", temos: "Nós devemos observar o que está às nossas costas" ou seja, prestarmos atenção para não sermos pegos de surpresa.
- d) **Incorreta.** virar as costas para pessoas desagradáveis seria *to turn your back on unpleasant people*.
- e) **Incorreta.** Deixar o passado para trás seria *to leave the past behind*.

**QUESTÃO 35**

No trecho final do terceiro parágrafo "I lean toward the latter", a expressão sublinhada refere-se

- a) à evolução humana proporcionada pela internet.
- b) ao primeiro item numerado no parágrafo.
- c) ao segundo item numerado no parágrafo.
- d) aos conceitos relacionados à internet e ao ciberespaço.
- e) à internet como espaço de liberdade.

**Resolução**

**Alternativa C**

Os termos *the former and the latter* são termos usados para distinguir duas coisas. *The former* nos direciona para a primeira dessas duas coisas e *the latter* nos direciona para a segunda (ou última) delas.

There are two ways of looking at this: 1) The internet/ cyberspace is wonderful, because it gives people the freedom to augment or totally change their identities, and this is a marvellous new dawn for human expression, a new step in human evolution. 2) Nah, it's a false dawn, because the internet is essentially a libertarian arena, and, as such, na amoral one (lots of "freedoms" but with no attendant social obligations); it is a new jungle where we must watch our backs and struggle for survival, surely a backward step in evolution. I lean toward the latter.

Há duas maneiras de se olhar para isto: 1) A Internet / ciberespaço é maravilhoso, porque ele oferece às pessoas a liberdade de melhorar ou mudar totalmente suas identidades, e esta é uma maravilhosa "nova aurora" para a expressão humana, um novo passo na evolução humana. 2) Não, é um falso amanhecer, porque a internet é essencialmente uma arena libertária e, como tal, uma amoral (muitas "liberdades", mas sem respectivas obrigações sociais); é uma nova selva onde temos que tomar cuidado e lutar pela sobrevivência, certamente um retrocesso na evolução. Eu me inclino para a última.

Podemos dizer então que a **alternativa C** é a correta pois afirma que a expressão **I lean toward the latter** está se referindo ao segundo item numerado no parágrafo.

QUESTÃO 36



(www.pinterest.co.uk)

The woman

- a) regrets that people accept only her internet identity.
- b) presents herself in an unreal way on the internet.
- c) discovered that her date is catfishing on the internet.
- d) wishes to be like someone she met on the internet.
- e) fell in love with a fake internet profile.

**Alternativa B**

**Resolução**

Traduzindo a fala da tirinha, temos:

“Eu só quero alguém que me ame e me aceite pela pessoa que eu finjo ser na internet.”

- a) **Incorreta.** “A mulher lamenta que as pessoas aceitam apenas sua identidade na internet.”. Não podemos dizer que as pessoas aceitam apenas a identidade fictícia dela na internet. Pelo contrário, ela deseja encontrar alguém que a ame pela pessoa que ela finge ser na internet.
- b) **Correta.** “A mulher se apresenta de uma maneira fictícia na internet.”. De fato, podemos concluir que a mulher se apresenta de uma maneira fictícia na internet, pois ela está desejando que alguém a ame e a aceite da maneira que ela finge (to pretend) ser na internet.
- c) **Incorreta.** “A mulher descobriu que seu ficante é um catfishing na internet.”. Não podemos dizer que mulher em questão possui um ficante, tampouco que esse suposto ficante seria um catfishing (golpista que cria perfis falsos na internet) na internet.
- d) **Incorreta.** “A mulher deseja ser como alguém que ela encontrou na internet.” Apesar de ela apresentar na internet um perfil que não condiz com quem ela é, não podemos afirmar que a mulher gostaria de ser como outra pessoa que ela encontrou na internet.
- e) **Incorreta.** “A mulher está apaixonada por um perfil falso da internet.” A tirinha não faz referência a perfis falsos encontrados e admirados pela mulher, desse modo, não podemos dizer que ela está apaixonada por algum perfil falso.

**TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 31 A 35**

Leia o texto para responder às questões de 37 a 44.

Why so few nurses are men



Ask health professionals in any country what the biggest problem in their health-care system is and one of the most common answers is the shortage of nurses. In ageing rich countries, demand for nursing care is becoming increasingly insatiable. Britain’s National Health Service, for example, has 40,000-odd nurse vacancies. Poor countries struggle with the emigration of nurses for greener pastures. One obvious solution seems neglected: recruit more men. Typically,

just 5-10% of nurses registered in a given country are men. Why so few?

Views of nursing as a “woman’s job” have deep roots. Florence Nightingale, who established the principles of modern nursing in the 1860s, insisted that men’s “hard and horny” hands were “not fitted to touch, bathe and dress wounded limbs”. In Britain the Royal College of Nursing, the profession’s union, did not even admit men as members until 1960. Some nursing schools in America started admitting men only in 1982, after a Supreme Court ruling forced them to. Senior nurse titles such as “sister” (a ward manager) and “matron” (which in some countries is used for men as well) do not help matters. Unsurprisingly, some older people do not even know that men can be nurses too. Male nurses often encounter patients who assume they are doctors.

Another problem is that beliefs about what a nursing job entails are often outdated – in ways that may be particularly off-putting for men. In films, nurses are commonly portrayed as the helpers of heroic male doctors. In fact, nurses do most of their work independently and are the first responders to patients in crisis. To dispel myths, nurse-recruitment campaigns display nursing as a professional job with career progression, specialisms like anaesthetics, cardiology or emergency care, and use for skills related to technology, innovation and leadership. However, attracting men without playing to gender stereotypes can be tricky. “Are you man enough to be a nurse?”, the slogan of an American campaign, was involved in controversy.

Nursing is not a career many boys aspire to, or are encouraged to consider. Only two-fifths of British parents say they would be proud if their son became a nurse. Because of all this, men who go into nursing are usually already closely familiar with the job. Some are following in the career footsteps of their mothers. Others decide that the job would suit them after they see a male nurse care for a relative or they themselves get care from a male nurse when hospitalised. Although many gender stereotypes about jobs and caring have crumbled, nursing has, so far, remained unaffected.

(www.economist.com, 22.08.2018. Adaptado.)

QUESTÃO 37

The excerpt from the first paragraph “In ageing rich countries, demand for nursing care is becoming increasingly insatiable” means that

- a) some rich people can pay for private nurses to assist them.
- b) most nurses refuse to assist elderly people even when they are well paid.
- c) rich countries can afford nursing care for their population in hospitals.
- d) the demand for nurses is stable in most ageing rich countries.
- e) the older the population in rich countries, the greater the need for nursing care.

**Resolução**

**Alternativa E**

Why so few nurses are men

Ask health professionals in any country what the biggest problem in their health-care system is and one of the most common answers is the shortage of nurses. In ageing rich countries, demand for nursing care is becoming increasingly insatiable. Britain’s National Health Service, for example, has 40,000-odd nurse vacancies. Poor countries struggle with the emigration of nurses for greener pastures. One obvious solution seems neglected: recruit more men. Typically, just 5-10% of nurses registered in a given country are men. Why so few?

Traduzindo o primeiro parágrafo:

Por que tão poucos enfermeiros são homens Pergunte a profissionais de saúde em qualquer país qual é o maior problema no seu sistema de saúde e uma das respostas mais comuns é a escassez de enfermeiros. Em países ricos com população idosa, a demanda por cuidados de enfermagem está se tornando cada vez mais insaciável. O serviço nacional de saúde da Grã-Bretanha, por exemplo, tem 40,000 vagas para enfermeiros. Os países pobres lutam com a emigração de enfermeiros procurando novas oportunidades. Uma solução óbvia parece negligenciada: recrutar mais homens. Normalmente, apenas 5-10% dos enfermeiros registrados num determinado país são homens. Por que tão poucos?

a) **Incorreta.** A alternativa A afirma que algumas pessoas ricas conseguem pagar enfermeiros particulares para ajudá-las. (*some rich people can pay for private nurses to assist them.*) Já o excerto acima afirma que a demanda por enfermeiros em países ricos está aumentando cada vez mais, mas nada é mencionado sobre as pessoas conseguirem pagar.

b) **Incorreta.** A alternativa B afirma que a maioria dos enfermeiros se recusa a ajudar os idosos mesmo quando eles são bem pagos. (*most nurses refuse to assist elderly people even when they are well paid.*) O que não é verdade, de acordo com o texto.

c) **Incorreta.** A alternativa C afirma que os países ricos conseguem bancar os cuidados de enfermagem para sua população hospitalizada. (*rich countries can afford nursing care for their population in hospitals.*), mas nada disso é mencionado, nem no excerto e nem no primeiro parágrafo.

d) **Incorreta.** A alternativa D diz que a demanda por enfermeiros é estável na maioria dos países com população idosa. (*the demand for nurses is stable in most ageing rich countries*) quando na verdade o excerto nos diz que está aumentando cada vez mais. (*increasingly*)

e) **Correta.** A alternativa E está correta porque afirma que quanto mais velha a população em países ricos, maior a necessidade de cuidados de enfermeiros. (*the older the population in rich countries, the greater the need for nursing care.*)

**QUESTÃO 38**

No trecho do primeiro parágrafo "Poor countries struggle with the emigration of nurses for greener pastures", a expressão sublinhada tem sentido de

- a) qualificação educacional.
- b) estabilidade familiar.
- c) superação do desemprego.
- d) melhores condições profissionais.
- e) vida tranquila no campo.

**Resolução** **Alternativa D**

"**Greener pastures**" significa "pastos mais verdes", ou seja, melhores condições, melhores lugares, melhores oportunidades, etc. Neste caso, o termo se refere à fuga dos profissionais para países mais ricos onde as condições profissionais são melhores para eles.

Podemos concluir, portanto, que a alternativa correta é a D.

**QUESTÃO 39**

De acordo com o segundo parágrafo,

- a) os pacientes preferem ser cuidados por enfermeiras e tratados por médicos.
- b) a Suprema Corte dos Estados Unidos vetou a admissão de homens em escolas de enfermagem em 1982.
- c) Florence Nightingale foi a primeira enfermeira do Reino Unido, em 1860.
- d) uma tradição histórica desencorajava e até impedia homens de serem enfermeiros.
- e) a enfermagem é realmente mais adequada às mulheres.

**Resolução** **Alternativa D**

**No início do segundo paragrafo temos:** Views of nursing as a "woman's job" have deep roots. Florence Nightingale, who established the principles of modern nursing in the 1860s, insisted that men's "hard and horny" hands were "not fitted to touch, bathe and dress wounded limbs". (A visão da enfermagem como "trabalho de mulher" tem raízes profundas. Florence Nightingale, que estabeleceu os princípios da enfermagem moderna na década de 1860, insistiu que as mãos "duras e cheias de tesão" dos homens "não eram adequadas para tocar, banhar e vestir membros feridos".)

- a) Não há nenhuma referência à preferência dos pacientes em serem tratados por médicos e cuidados por enfermeiras no segundo parágrafo.
- b) Não foi a Suprema Corte dos Estados Unidos que vetou a admissão de homens em escolas de enfermagem em 1982, mas sim obrigou as Universidades a admitirem homens no curso para enfermeiros.
- c) Florence Nightingale não foi a primeira enfermeira do Reino Unido, em 1860. Ela estabeleceu os princípios da enfermagem moderna naquele ano.
- d) Como é mencionado no início do parágrafo "A visão da enfermagem como "trabalho de mulher" tem raízes profundas." Ou

seja, há uma tradição histórica do trabalho de enfermeira ser considerado um trabalho de mulheres

e) Não podemos afirmar que enfermagem é "realmente" mais adequada às mulheres.

**QUESTÃO 40**

No trecho do segundo parágrafo "did not even admit men as members until 1960", o termo sublinhado indica

- a) descrédito.
- b) ênfase.
- c) conclusão.
- d) generalização.
- e) conformidade.

**Resolução** **Alternativa B**

A função do **even** (sequer/ mesmo) neste trecho: "*In Britain the Royal College of Nursing, the profession's union, did not even admit men as members until 1960*" é para chamar atenção ou enfatizar que na Grã-Bretanha, na Faculdade Real de Enfermagem, o sindicato da profissão **nem mesmo** admitia homens (enfermeiros) até 1960."

**QUESTÃO 41**

O trecho do terceiro parágrafo que exemplifica a visão ultrapassada sobre a enfermagem, que pode desestimular homens a seguirem a profissão, é:

- a) "attracting men without playing to gender stereotypes can be tricky".
- b) "nurses do most of their work independently and are the first responders to patients in crisis".
- c) "nurse-recruitment campaigns display nursing as a professional job with career progression, specialisms like anaesthetics, cardiology or emergency care".
- d) "In films, nurses are commonly portrayed as the helpers of heroic male doctors".
- e) "the slogan of an American campaign, was involved in controversy".

**Resolução** **Alternativa D**

De acordo com o texto, a visão ultrapassada sobre a enfermagem é que esta é uma profissão basicamente feminina como vemos na frase a seguir:

"*Another problem is that beliefs about what a nursing job entails are often outdated – in ways that may be particularly off-putting for men. In films, nurses are commonly portrayed as the helpers of heroic male doctors.*"

E traduzindo o trecho acima, temos:

"Outro problema é que as crenças sobre o trabalho de enfermagem implicam muitas vezes em visões ultrapassadas – que podem ser especialmente desanimadoras para os homens. Nos filmes, as enfermeiras costumam ser retratadas como ajudantes de médicos heroicos do sexo masculino)".

- a) **Incorreta.** "atrair homens sem jogar com estereótipos de gênero pode ser complicado" não está vinculado à visão ultrapassada.
- b) **Incorreta.** "As enfermeiras realizam a maior parte do seu trabalho de forma independente e são as primeiras a responder a pacientes em crise". não está vinculado à visão ultrapassada, tampouco podem desestimular os homens à carreira de enfermeiros.
- c) **Incorreta.** "As campanhas de recrutamento de enfermeiras mostram a enfermagem como um trabalho profissional com progressão na carreira, especialidades como anestesia, cardiologia ou atendimento de emergência". não está vinculado à visão ultrapassada e não desestimula os homens à carreira de enfermeiros.
- d) **Correta.** "Nos filmes, as enfermeiras costumam ser retratadas como ajudantes de médicos heroicos do sexo masculino". Conforme tradução feita acima, os filmes reforçam o estereótipo de mulheres enfermeiras que ajudam os médicos que são homens e são retratados como heróis.
- e) **Incorreta.** "O slogan de uma campanha americana, estava envolvido em controvérsias" não desestimula os homens a seguirem a carreira de enfermeiros.

**QUESTÃO 42**

No trecho do terceiro parágrafo “To dispel myths, nurse-recruitment campaigns”, o termo sublinhado indica

- a) equivalência.
- b) adição.
- c) causa
- d) contraste
- e) finalidade.

**Resolução**

**Alternativa E**

O uso do infinitivo com “to” no início da oração equivale a “in order to” por tanto indica razão ou finalidade.

- a) **Incorreta.** Para indicar equivalência utiliza-se usualmente *like/as* (como).
- b) **Incorreta.** Para indicar adição usualmente utiliza-se *and* (e).
- c) **Incorreta.** Para indicar causa usualmente utiliza-se *because* (porque).
- d) **Incorreta.** Para indicar contraste usualmente utiliza-se *on the otherhand* (por outro lado).
- e) **Correta.** Para indicar finalidade usualmente utiliza-se *to/ so that*.

**QUESTÃO 43**

No trecho do quarto parágrafo “Although many gender stereotypes about jobs and caring have crumbled”, o termo sublinhado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

- a) because.
- b) otherwise.
- c) unless.
- d) though.
- e) therefore.

**Resolução**

**Alternativa D**

*Although* significa **apesar de/embora**

- a) **Incorreta.** *Because* (por causa/porque).
- b) **Incorreta.** *Otherwise* (caso contrário).
- c) **Incorreta.** *Unless* (a menos que/ a não ser que).
- d) **Correta.** *Though* (apesar de/ embora). Utiliza-se normalmente *Although* em contextos formais e em início de frase, já *though* é utilizado em contextos informais ou no meio/fim de frases. Deste modo, poderia ser utilizado *though* no trecho sem perda de sentido.
- e) **Incorreta.** *Therefore* (por isso/ assim).

**QUESTÃO 44**

No trecho do quarto parágrafo “gender stereotypes about jobs and caring have crumbled”, o termo sublinhado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

- a) continued.
- b) aggregated.
- c) recovered.
- d) strengthened.
- e) collapsed.

**Resolução**

**Alternativa E**

A palavra “*crumbled*” significa desmoronou.

- a) **Incorreta.** A palavra *continued* significa continuou, logo não é sinônimo para desmoronou.
- b) **Incorreta.** A palavra *aggregated* significa agregado, logo não é sinônimo para desmoronou.
- c) **Incorreta.** A palavra *recovered* significa recuperou, logo não é sinônimo para desmoronou.
- d) **Incorreta.** A palavra *strengthened* significa fortaleceu, logo não é sinônimo para desmoronou.
- e) **Correta.** A palavra *collapsed* significa desabou, logo é sinônimo para desmoronou.

**QUESTÃO 45**



“The Doctor has just finished his rounds. I’d better go soothe the patients’ psyches.”

(www.nursebuff.com. Adaptado.)

Compared to the previous text “Why so few nurses are men”, the cartoon

- a) encourages both men and women to become nurses.
- b) confirms the stereotype of female nurses.
- c) suggests that nurses think that doctors are heroes.
- d) implies that men make better doctors.
- e) shows that doctors are often distressed.

**Resolução**

**Alternativa B**

A tradução para a fala do médico para a enfermeira é:

“O(a) médico(a) acabou de finalizar suas visitas. É melhor eu ir acalmar o psicológico dos pacientes.”

- a) **Incorreta.** “Encoraja homens e mulheres a serem enfermeiros(as)”. Não há referência de encorajamento a homens e mulheres a serem enfermeiros, pois não há homens na tirinha ocupando o lugar de enfermeiros.
- b) **Correta.** “Confirma o estereótipo das enfermeiras”. De fato, ao apresentar a tirinha onde há uma enfermeira dizendo que acolherá os pacientes após a visita do(a) médico(a), há a confirmação do estereótipo de que enfermeiras mulheres são mais acolhedoras e delicadas para o trabalho, bem como o texto anterior “Why so few nurses are men” se propôs a discutir no segundo parágrafo.
- c) **Incorreta.** “Sugere que enfermeiras acreditam que médicos são heróis.”. Não podemos concluir que a enfermeira acredita que o(a) médico(a) seja um herói, pois ela diz que precisa ir acalmar os ânimos dos pacientes após as visitas do(a) médico(a).
- d) **Incorreta.** “Implica que homens são melhores médicos.”. Não podemos inferir pela tirinha que homens são melhores médicos do que mulheres, pois a palavra *doctor* é uma palavra que não possui gênero, portanto, na tirinha, o médico em questão pode ser tanto mulher quanto homem. Além disso, ao dizer que, após a visita do(a) médico(a), a enfermeira precisa “acalmar os ânimos” dos pacientes, pode-se fazer referência a um(a) médico(a) “vilã(o)”.
- e) **Incorreto.** “Mostra que médicos usualmente estão angustiados”. Não é possível dizer que o(a) médico(a) ao qual a tirinha faz referência esteja angustiado(a). A referência que é feita é que os pacientes podem estar angustiados.

**REDAÇÃO**

Texto 1

A morte continua sendo um tabu. Por isso não falamos dela. Mas quando perguntamos às pessoas se têm medo da morte, elas costumam responder que, na verdade, têm medo do sofrimento. Da dor física, claro, mas também da dor psicológica de ter que continuar vivendo em condições insuportáveis. “Sinto-me preso numa jaula”, dizia Fabiano Antoniani, um tetraplégico italiano que vivia prostrado desde que sofreu um grave acidente, em 2014, que o deixou sem visão nem mobilidade. Sabia que ainda podia viver bastante tempo, porque o organismo de um homem forte de 40 anos pode aguentar muito, mas não queria seguir assim. No final de fevereiro, Antoniani foi à Suíça – o único país, entre os seis nos quais a eutanásia (a ajuda ao suicídio) está legalizada, que admite estrangeiros. Ele mesmo, com

um movimento dos lábios, acionou o mecanismo que introduziu o coquetel da morte em sua boca.

A perspectiva de uma longa e penosa deterioração faz com que muitos cidadãos queiram decidir, por si sós, quando e como morrer. Nas palavras de Ramón Sampredo (tetraplégico espanhol que recorreu em vão aos tribunais para que o ajudassem a morrer), existe o direito à vida, mas não a obrigação de viver a qualquer preço. Este é o princípio no qual se baseiam os que propõem a despenalização da eutanásia. Ter acesso a uma morte medicamentosa assistida significaria uma extensão dos direitos civis.

Romper o tabu da morte exige poder falar com naturalidade dela. A regulamentação da eutanásia precisa de uma deliberação informada, distante dos apriorismos e dos sectarismos ideológicos. Sempre haverá opositores porque consideram que as pessoas não podem dispor de sua vida pois ela só a Deus pertence. Os partidários da regulamentação lembram que o fato de que seja regulada não obriga ninguém a optar pela eutanásia.

(Milagros Pérez Oliva. "Quem decide como devemos morrer?". <http://brasil.elpais.com>, 01.04.2017. Adaptado.)

## Texto 2

Professor de antropologia da Unesp (Universidade Estadual Paulista), Claudio Bertolli enxerga a eutanásia como uma questão de liberdade individual. Portanto, cabe ao indivíduo decidir o que fazer. Essa opinião é compartilhada por Reinaldo Ayer (coordenador do Centro de Bioética do Conselho Regional de Medicina de São Paulo): "A pessoa deve ter todos os recursos para reverter ou minimizar uma situação de doença. Mas, mesmo com tudo isso, ela pode decidir por não continuar. Neste momento, tem que ser dada a ela a possibilidade de escolha."

A juíza Mônica Silveira (autora do livro *Eutanásia: humanizando a visão jurídica*) fala que a liberdade ilimitada não é uma forma de proteger o cidadão: "Começa como permissão e pode se tornar obrigação. Pode haver pressão social para que idosos e doentes recorram à prática. Quando você autoriza determinado tipo de prática, não tem como dominar os efeitos de propagação."

Há seis anos trabalhando em UTIs na Secretaria de Saúde do Distrito Federal, o psicólogo Adriano Facioli é a favor da prática: "Sem eutanásia as pessoas sofrem. Muitos que poderiam ocupar aquele leito morrem porque tem alguém condenado submetido a uma distanásia [morte lenta, com grande sofrimento]. O que o Estado faz é investir no sofrimento das pessoas, uma vez que não existe acesso aos cuidados paliativos nem a legalização da eutanásia."

("Vida ou morte: os argumentos pró e contra sobre o direito de morrer por aqueles que convivem com a iminência do fim". <https://tab.uol.com.br>. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

## Eutanásia: entre a liberdade de escolha e a preservação da vida

### Comentário

A proposta de redação da UNIFESP 2019, mais uma vez, propôs a discussão de um tema polêmico: eutanásia. A frase-tema abriu para o candidato, por meio de um questionamento, a possibilidade de ao menos duas direções argumentativas opostas, uma favorável à prática da eutanásia (liberdade de escolha) e outra contrária (preservação da vida), sem, contudo, obrigar o candidato a tecer uma argumentação unilateral.

O Texto 1 se inicia tratando do tabu da morte e da questão do medo, que se manifesta para as pessoas não necessariamente como medo da morte em si, mas do sofrimento que o processo pode causar. É nesse sentido que reflexões acerca da possibilidade de estancar esse sofrimento podem sugerir a legalização da prática da eutanásia, que é ter o direito a uma morte medicamentosa assistida. O excerto exemplifica a prática da eutanásia por meio do caso de Fabiano Antoniani, italiano que conseguiu, na Suíça, direito à eutanásia. A Suíça, aliás, é o único país entre os seis em que a eutanásia está legalizada a aceitar pedidos de estrangeiros. Aqueles que propõem a descriminalização da eutanásia defendem que o direito à vida não

deve se sobrepor ao direito de não viver a qualquer custo, a exemplo do defendido por Ramón Sampredo, espanhol tetraplégico que teve seu pedido por uma morte assistida negado. O texto é finalizado com a afirmação de que regularizar a eutanásia requereria uma deliberação informada, sem juízos de valor ou preconceitos, afinal, muitos daqueles que defendem a manutenção da criminalização da prática da eutanásia o fazem por motivos religiosos – apenas Deus poderia tirar ou dar a vida – e desconsideram que regularizá-la não obrigaria ninguém à prática.

O Texto 2 traz alguns depoimentos de figuras de autoridade sobre o tema. Claudio Bertolli (professor de Antropologia da UNESP) trata a eutanásia como uma questão de liberdade individual, opinião compartilhada por Reinaldo Ayer (coordenador do Centro de Bioética do Conselho Regional de Medicina de São Paulo), segundo o qual o cidadão deveria ter direito aos cuidados que possibilitassem a reversão do quadro doente ou cuidados paliativos que pudessem minimizar o sofrimento, no entanto, se ainda com todas essas opções o doente desejasse, seu direito a encerrar a própria vida deveria ser respeitado. Na contramão desses argumentos, o excerto traz o depoimento da juíza Mônica Silveira, segundo a qual não se pode prever o efeito que a regularização da prática da eutanásia poderia ter na sociedade – a permissão poderia virar obrigação, especialmente para grupos mais vulneráveis, como idosos e doentes graves. Por fim, o texto traz a visão do psicólogo de UTIs da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, Adriano Facioli, que defende a eutanásia para encerrar o sofrimento das pessoas e evitar mortes desnecessárias, uma vez que leitos poderiam ser liberados para o tratamento de doentes com alguma esperança de recuperação. Ele frisa que, no Brasil, não existe um investimento na estrutura realmente adequada para tratar casos graves, como hospitais de cuidados paliativos ou a própria legalização da eutanásia.

Com tais informações da coletânea, o candidato poderia movimentar seu conhecimento de mundo relativo ao tema e construir a sua própria argumentação a partir da definição da sua tese em relação à questão proposta – Eutanásia: entre a liberdade de escolha e a preservação da vida.

## **Equipe desta resolução**

### **Inglês**

Kanu Kiran Deva

Simone Buralli Rezende

### **Português**

Aline Silva Vinci

Bruna Leite Garcia

Bruna Sanchez Moreno

Thiago do Nascimento Godoy

### **Revisão e Publicação**

Daniel Simões Santos Cecílio

Felipe Eboli Sotorilli

Simone Buralli Rezende

Vanessa Alberto

### **Digitação e Diagramação**

Eduardo Hideki Kobaiacy

Rodrigo Dutra